

Professor culpa FEDF por boicotar eleição

DF - Educação 3 DEZ 1986

Os professores e ex-diretores de escolas pertencentes ao Complexo Escolar A, da Ceilândia, negaram ontem que tenha havido um boicote proposital às eleições para diretoria das escolas que estão com o cargo em vacância. O pleito será realizado no próximo sábado, quando 16 escolas da rede oficial e o Complexo Escolar escolherão seus novos administradores. Caso as sete escolas da Ceilândia, uma do Gama e outra em Sobradinho tivessem enviado candidatos para a disputa (o prazo de inscrição terminou na última sexta-feira), seriam 25 escolas ao todo.

Segundo o professor de História e diretor interino do Centro Educacional 3, José Machado, a descrença e desmotivação do professorado do Complexo Escolar A, frente à arbitrariedade da Fundação Educacional quando esta exonerou o diretor Erasto Mendonça por haver discordado do modo como estava sendo executado o Projeto Irmãozinho, foi apenas um dos motivos que levou a classe a não se candidatar às eleições.

— Na verdade, o principal motivo foi a exigência do curso de pedagogia em Administração Escolar para a ocupação do cargo de diretor. Em 1985, quando houve a outra eleição, algumas escolas elegeram professores com o curso. Outras tinham a direção ocupada pela Administração Colegiada, ou seja, possuíam diretores pedagógicos, além do diretor-superintendente. Estas escolas poderão continuar com diretores sem o curso, mas as que estão no mesmo caso que o nosso precisariam de candidatos com a especialização, explicou Machado.

Acrescenta que, no Centro Educacional 3, havia apenas uma professora com o curso exigido e ela não se interessou em concorrer. Quanto à proposta inicial de um possível boicote às eleições, na época da demissão coletiva dos diretores do Complexo A, em agosto passado, o professor garantiu que houve

uma reavaliação do movimento. “Verificamos que seria viável uma reorganização do professorado daqui, para não perdermos o espaço educacional que tínhamos alcançado. Reavaliamos nossa posição e decidimos continuar lutando pelo ideal”.

Para Machado, não se deve esquecer que, em parte, a não candidatura dos professores foi provocada pela própria acomodação do grupo, que não reagiu à exigência do curso de pedagogia em Administração Escolar. O fato foi confirmado na Escola Normal da Ceilândia, também do Complexo A, pelo professor Alvaro Ribeiro. Ele conta que tanto sua escola como o Centro Educacional 3 e a Escola-Classe 17 enviaram à FEDF pedidos para ocupar uma das 16 vagas de estabelecimentos com a Administração Colegiada.

— Já existe cerca de 84 escolas com este tipo de direção. Nós concorreríamos às eleições sob estas condições, mas a Fundação enviou resposta negativa para o CE 3 e para a EC 17. Aqui, na Escola Normal, ainda não tivemos resposta, mas já acabou o prazo para as inscrições — lamentou ele, que seria um dos candidatos ao cargo de diretor-superintendente, além de outro professor, que concorreria ao de diretor pedagógico. “A FEDF não nos cedeu as vagas. E o acordo sindical prevê este tipo de administração”.

Ribeiro esclarece que a Administração Colegiada, além dos dois diretores, prevê um Conselho Diretor, formado por oito professores, oito alunos ou pais representando, assim, a comunidade acadêmica da escola. “Achamos que esta era a melhor maneira de administrar a Escola Normal e, como não nos foi dada a resposta, ficamos sem candidatos”, acrescentou.

“Jogo tudo na minha candidatura. Mais de 10 escolas estão comigo”. Esta é a posição do entusiasmado Orlando Oliveira Alencar, candidato à direção do

Complexo Escolar A. Ele e a professora Marisa Guimarães de Moraes, do Centro Educacional 7, estão em disputa acirrada pela chefia do Complexo. E não desanimam, fazendo campanha em todas as escolas. “Pensamos, inicialmente, em deixar que a Fundação Educacional tomasse conta do Complexo, nomeando quem eles quisessem para cá. Mas após várias reuniões decidimos continuar ocupando nosso espaço”, afirmou Orlando.

Ele garante que os professores do Complexo A formam uma das equipes mais conscientes e competentes do DF, tanto a nível didático quanto pedagógico. “São profissionais competentes, que estão há muito tempo na Ceilândia. Dos 11 anos de Fundação Educacional que tenho nove, eu passei aqui”, ressaltou o candidato. Ele lamenta as condições do professorado no Complexo após o movimento contra o Projeto Irmãozinho.

O relacionamento está a zero. Queríamos melhorar nosso entendimento, resolvendo nossas dificuldades e questões aqui. Depois partiremos para a FEDF. No que depender de mim, haverá diálogo. Dependerá mais do Quintas (diretor-executivo da Fundação José Quintas), um ambiente saudável entre nós e a FEDF. Temos um ótimo respaldo dentro do Complexo para fazer um bom trabalho — frisou. Acrescenta que 80 por cento dos professores apoiam sua candidatura. “A maioria comparecerá à votação de sábado”.

Quanto ao fato de que sete escolas do Complexo terão seus diretores nomeados por José Quintas por não haver candidatos indicados, Orlando promete: “Como diretor de Complexo, eleito por voto, quero participar destas nomeações. Os diretores terão que ter um compromisso com nosso método e nível de conscientização. Senão, como será possível conviver? Vou brigar por isso”. Para a exigência, ele alega que “o normal é haver uma consulta à comunidade da escola”.

IMPRESSO BAZILIANO